

Floresta Edições: educomunicação e tecnologia social na editoração universitária¹

Marya Eduarda Marcondes da Silva Detogni ²

Emily Miquelino Camargo de Mattos ³

Juliana Caroline Levandovski ⁴

Gustavo Aleixo de Sousa ⁵

José Carlos Fernandes ⁶

Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR

Resumo

Este artigo apresenta e analisa o projeto extensionista Floresta Edições, vinculado ao programa de extensão Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Trata-se de uma proposta editorial voltada à democratização do acesso ao conhecimento e à valorização de narrativas comunitárias, com base nos princípios da comunicação popular, da educomunicação e da pedagogia histórico-crítica. Através de metodologia própria e ação extensionista, o projeto promove a articulação entre saberes acadêmicos e populares, consolidando-se como modelo de editoração experimental, educativa e cidadã.

Palavras-chave

Extensão universitária; Educomunicação; Comunicação popular; Tecnologia Social; Floresta Edições.

Introdução

O Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) da Universidade Federal do Paraná, criado em 2003, desenvolve projetos extensionistas que promovem a troca de saberes entre a academia e comunidades externas, fundamentados nos princípios da educação popular e educomunicação de Paulo Freire (1996). Dentre suas frentes de atuação, destaca-se o Floresta Edições, criado em 2018 por estudantes dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas da UFPR, com o objetivo de organizar, difundir e ampliar o acesso aos produtos comunicacionais gerados pelo Ncep, tais como livros, podcasts, documentários e outros conteúdos multimídia.

¹ Trabalho apresentado na IJ06 - Comunicação e Interfaces, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 5.º semestre do Curso de Jornalismo – UFPR, e-mail: marya.marcondes@ufpr.br

³ Estudante de Graduação do 5.º semestre de Relações Públicas – UFPR, e-mail: emilymattos@ufpr.br

⁴ Estudante de Graduação do 3.º semestre de Jornalismo – UFPR, e-mail: julianalevandovski@ufpr.br

⁵ Estudante de Graduação 3.º semestre do Curso de Jornalismo – UFPR, e-mail: gustavoaleixo@ufpr.br

⁶ Professor do Departamento de Comunicação Social na UFPR, orientador do trabalho: zeca@ufpr.br

O Floresta Edições se posiciona como uma editora universitária extensionista e educacional, que rompe com modelos editoriais tradicionais centrados em interesses comerciais, atuando a partir de uma metodologia experimental que envolve a comunidade como coautora do processo comunicativo. Assim, a editora contribui para a construção de uma comunicação democrática, fortalecendo a cidadania e promovendo o acesso ao conhecimento produzido em diálogo com os sujeitos “envolvidos”.

Inspirado por autores como Paulo Freire (1996), Ismar Soares (2011) e Demerval Saviani (2013), o Floresta se propõe a atuar de maneira integrada entre ensino, pesquisa e extensão, com ênfase na produção de materiais acessíveis, colaborativos e socialmente engajados.

O ano de 2024 marcou um período de expansão significativa das atividades da editora, consolidando o Floresta Edições como um agente de transformação social e comunicacional. Dentre as iniciativas realizadas, destacam-se a produção de um livro de relatos com pessoas encarceradas na Cadeia Pública de Vila Rica, em parceria com o padre Fernando de Góis; o desenvolvimento do “Jogo do Acesso à Justiça”, criado para explicar de forma lúdica o sistema judiciário brasileiro; o lançamento do livro Vidas no Positivo, com depoimentos de pessoas vivendo com HIV; a criação de um site como acervo digital educacional; e a condução de oficinas de crônicas voltadas a professores da rede pública. Essas ações exemplificam a proposta inovadora do projeto, que combina comunicação, educação e cidadania para democratizar o acesso à informação e fomentar a participação social ativa.

Fundamentação teórica

A construção teórica do Floresta Edições está sustentada em um tripé conceitual formado pela educação, pela comunicação popular e pela pedagogia histórico-crítica. Essas três abordagens não apenas oferecem suporte teórico ao projeto, mas também estão profundamente enraizadas em sua prática cotidiana, sendo visíveis em cada ação desenvolvida e na própria concepção de editoração colaborativa.

A educação, conforme sistematizada por Ismar de Oliveira Soares (2011), compreende a comunicação como uma prática educativa que vai além da mera transmissão de informações. Trata-se de uma concepção que valoriza a escuta, a coautoria e o diálogo entre diferentes sujeitos sociais. No Floresta Edições, essa perspectiva se

materializa na maneira como os produtos editoriais são concebidos: não são obras feitas sobre comunidades, mas comunidades são coautoras dos materiais. As oficinas de crônicas realizadas com professores da rede pública e os livros organizados com depoimentos de pessoas encarceradas são exemplos vivos de uma lógica educomunicativa em que os participantes se tornam protagonistas de suas próprias narrativas.

A comunicação popular, segundo Cicilia Peruzzo (2009), é entendida como um processo de expressão coletiva e alternativa aos meios de comunicação de massa. Nasce da ação dos grupos populares organizados e se caracteriza por promover a mobilização, a resistência cultural e o fortalecimento da cidadania. O Floresta Edições dialoga diretamente com essa abordagem ao operar em territórios marcados pela desigualdade, como ocupações urbanas, escolas periféricas e comunidades de pessoas que vivem com o HIV ou em situação prisional. A publicação do livro *Vidas no positivo*, por exemplo, é uma ação de comunicação popular que amplifica a visibilidade a vozes historicamente marginalizadas, rompendo com o silêncio imposto pela grande mídia e pelos discursos oficiais sobre o HIV.

Complementando esse arcabouço está a pedagogia histórico-crítica, desenvolvida por Dermeval Saviani (2013), que defende a educação como mediação entre a prática social e a apropriação do conhecimento sistematizado. Segundo essa corrente, é dever da educação proporcionar a compreensão crítica da realidade, visando à transformação social. No contexto do Floresta Edições, essa pedagogia está presente tanto na metodologia adotada — que envolve escuta ativa, validação comunitária e retorno social dos produtos — quanto no propósito político do projeto: empoderar sujeitos por meio do conhecimento e da narrativa. As ações com a população carcerária, como o livro produzido com relatos de encarcerados de Vila Rica, estão alinhadas a esse princípio, pois buscam não apenas amplificar a voz, mas também promover reflexão e ressignificação da experiência de vida.

Além dessas três correntes centrais, o projeto também se inspira em noções de inovação cidadã e mídia tática, conforme discutido por autores como Boaventura de Sousa Santos (2020), David Garcia e Geert Lovink (1999). A inovação cidadã é entendida como a criação de soluções participativas e socialmente relevantes para problemas coletivos, enquanto a mídia tática refere-se ao uso criativo e estratégico das tecnologias da informação para fins políticos e comunitários. O Floresta se apropria dessas ideias ao

utilizar ferramentas acessíveis como Canva, QR codes, redes sociais e um website público como acervo dinâmico. A criação do site da editora em 2024 é um exemplo de como a tecnologia pode ser usada de maneira crítica e inclusiva, com baixo custo e alto potencial de impacto social.

A intersecção entre esses referenciais forma um conjunto teórico-prático que confere solidez à proposta editorial do Floresta Edições. Trata-se de um projeto que não apenas incorpora teorias de vanguarda na comunicação e na educação, mas que também as coloca em prática de maneira contínua, situada e transformadora, em sintonia com os desafios reais enfrentados pelas populações com as quais se relaciona.

Construção de um método editorial coletivo

A metodologia do Floresta Edições é marcada por sua natureza flexível, dialógica e coletiva. Em vez de aplicar uma lógica editorial engessada, a editora extensionista opta por uma estrutura metodológica composta por oito etapas — captação, curadoria, categorização, indexação, envelopamento, grupo focal, etapa didática e interações — que funcionam como um guia adaptável, não como um roteiro fixo. Cada projeto é analisado de forma situada, respeitando os contextos locais e as subjetividades envolvidas. Como defende Lemos (2007), a inovação em comunicação deve ser “aberta e sensível às demandas do território”, o que se reflete no modo como o Floresta adapta sua atuação conforme as individualidades de cada parceria. Assim, a metodologia se torna uma estratégia crítica e viva, orientada mais pela escuta do que pela prescrição.

O trabalho se desenvolve por meio da colaboração ativa entre os extensionistas da UFPR, os parceiros institucionais e, principalmente, os membros das comunidades envolvidas. Essa construção conjunta é orientada pelo princípio freireano de que “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” (Freire, 1996, p. 28). A partir desse entendimento, o Floresta Edições opera em uma lógica horizontal de produção, no qual as vozes comunitárias são reconhecidas como centrais na criação dos conteúdos. Cada decisão editorial é fruto de processos participativos que envolvem grupo focal, análise dialógica e validação coletiva dos materiais, garantindo uma prática coerente com a extensão universitária crítica, que, segundo Gonçalves e Quimelli (2016), deve ser “indissociável do ensino e da pesquisa, voltada à transformação da realidade”.

Essa abordagem metodológica também se destaca pela sua capacidade de se autoalimentar e se reinventar com base na experiência prática. O Floresta Edições transforma cada produção em um campo de aprendizagem, no qual se validam metodologias e se acumulam saberes para futuras ações. Como aponta Saviani (2013), a prática pedagógica crítica se realiza “não apenas na reprodução de conteúdos, mas na produção de sentidos que possibilitem a compreensão e a transformação do mundo”. Nesse sentido, a editora atua como laboratório de inovação editorial e social, cujas estratégias comunicacionais são permanentemente informadas por experiências comunitárias reais. O resultado é um processo editorial em constante movimento, orientado por escuta ativa, protagonismo coletivo e compromisso com a cidadania.

Rede educomunicativa e trabalhos em construção

Um dos projetos mais impactantes de 2024 foi a produção de um livro de relatos, em fase de revisão final, com pessoas encarceradas na Cadeia Pública de Vila Rica, no Mato Grosso. A proposta nasceu da parceria entre o Floresta Edições e o padre Fernando de Góis, disseminador da “pedagogia dos sonhos”, desenvolvida inicialmente com adolescentes em situação de vulnerabilidade social, reunidos por Góis a partir de 1991 no projeto modelar Chácara dos Meninos de Quatro Pinheiros, em Mandirituba, Região Metropolitana de Curitiba. Essa produção é orientada pelo Art. 41 da Lei de Execução Penal (Brasil, 1984), que assegura ao encarcerado o direito à educação e à expressão. A iniciativa também visa suprir a escassez de bibliografia sobre o cotidiano nos presídios, oferecendo material para o debate público.

Outra inovação significativa foi o desenvolvimento do “Jogo do Acesso à Justiça”, idealizado em parceria com o Núcleo de Práticas Jurídicas da UFPR. Trata-se de um jogo educativo voltado a lideranças populares, cujo objetivo é desmistificar o funcionamento do sistema jurídico brasileiro. O Floresta Edições ficou responsável pela criação dos materiais comunicativos utilizados no jogo, que contam com linguagem acessível, conteúdos ilustrados e referências ao cotidiano dos públicos participantes. A proposta está fundamentada na gamificação como ferramenta de engajamento pedagógico (Vianna, 2013; Alves, 2015), e reforça a ideia de que o aprendizado pode ser lúdico, participativo e inclusivo.

Ainda em 2024, o Floresta coordenou o lançamento oficial do livro *Vidas no positivo* (Salmória, 2022), que reúne relatos de pessoas vivendo com HIV. A obra foi elaborada em parceria com o Grupo Reatar do Hospital de Clínicas da UFPR e contou com uma nova edição editorial organizada por extensionistas. O evento de lançamento ocorreu no auditório do Departamento de Comunicação da UFPR e reuniu ativistas, profissionais da saúde, pesquisadores, estudantes e participantes do projeto. A atividade promoveu reflexões sobre o estigma do HIV, o direito à saúde e a importância da escuta ativa no processo de comunicação. Além disso, o evento foi transmitido pela UFPR TV, ampliando o alcance da ação para além da esfera acadêmica.

Um marco importante na trajetória do projeto em 2024 foi a criação do site oficial do Floresta Edições [<https://florestaedicoes.com/>]. A plataforma digital funciona como acervo interativo das produções do NCEP e visa ampliar o acesso aos materiais por meio de uma interface intuitiva e acessível. Construído com ferramentas acessíveis como o Canva, o site reúne livros, podcasts, documentários e revistas desenvolvidos pelos extensionistas em parceria com escolas, hospitais, ocupações e comunidades. Entre os destaques do acervo está o podcast ProfissaCast, produzido com alunos da rede pública. O site também funciona como espaço de divulgação das ações da editora e permite o compartilhamento de metodologias educacionais com outras instituições.

Buscando fortalecer o vínculo entre universidade e escolas, o Floresta organizou em 2024 oficinas de crônicas voltadas a professores da rede pública. O objetivo era apresentar a crônica como ferramenta educacional capaz de estimular a escrita criativa, o pensamento crítico e a consciência social entre estudantes. As oficinas foram inspiradas no projeto *Crônicas que inspiram*, realizado pelo próprio Ncep, nascido em 2018 no Colégio Estadual João Gueno, e que resultou na obra *O meu, o seu, o nosso São Dimas*. Durante os encontros formativos, os docentes foram convidados a experimentar práticas pedagógicas centradas na escuta dos alunos e na valorização de suas narrativas. Essa ação se alinha às Diretrizes da Educação Básica (Paraná, 2008), que apontam a necessidade de formar sujeitos críticos, letrados e inseridos em práticas sociais significativas.

Tecnologia social como princípio editorial

O Floresta Edições se destaca como uma iniciativa singular no campo da comunicação e da extensão universitária, por romper com os modelos tradicionais de editoração centrados na lógica comercial. Ao invés de funcionar como uma editora voltada ao mercado, a Floresta assume um papel político e educativo, comprometido com a democratização do conhecimento, a escuta ativa e a valorização das narrativas populares. Essa reconfiguração do papel editorial se conecta à ideia de inovação social em comunicação que, segundo Dagnino (2004), consiste na “criação de soluções novas para velhos problemas sociais, realizadas com participação direta da população afetada”. Nesse sentido, o diferencial da editora não está apenas nos produtos que publica, mas no modo como constrói, junto à comunidade, processos criativos que fortalecem a cidadania e o senso coletivo.

Outro aspecto da tecnologia social presente no Floresta Edições é sua capacidade de operar com tecnologias acessíveis, propondo soluções low-tech com alto impacto social. Em 2024, por exemplo, o desenvolvimento do site da editora, construído com ferramentas acessíveis como Canva e *QR codes*, representou uma alternativa funcional e inclusiva à falta de recursos financeiros. Essa prática dialoga com a noção de mídia tática (Garcia & Lovink, 1999), que propõe o uso criativo e estratégico das tecnologias digitais como forma de resistência cultural e apropriação crítica dos meios de produção e difusão de conteúdos. Além disso, a lógica de inovação aberta (Lemos, 2007), que pressupõe adaptação contínua às realidades locais, é plenamente incorporada pela editora, que se molda conforme os projetos, os territórios e os interlocutores com os quais atua.

Por fim, a inovação promovida pela Floresta Edições reside também em sua dimensão pedagógica. Ao transformar práticas editoriais em ferramentas de aprendizagem e mediação social, o projeto inova ao integrar comunicação, educação e política em uma única proposta metodológica. Essa perspectiva vai ao encontro do que afirma Drucker (2005), ao indicar que “inovar é explorar mudanças como oportunidade para um propósito diferente”. Ao publicar livros com populações vulnerabilizadas, produzir jogos educativos e conduzir oficinas de escrita com professores e estudantes, a editora redefine os limites da produção editorial universitária, promovendo uma inovação que não é apenas técnica, mas sobretudo ética e social.

Considerações finais

A trajetória do Floresta Edições evidencia como uma editora universitária pode ultrapassar sua função tradicional de organização e difusão de conteúdos acadêmicos para se tornar um verdadeiro espaço de escuta, criação coletiva e transformação social. O projeto, vinculado ao Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) da UFPR, consolida-se como uma proposta extensionista atenta ao tempo presente ao articular princípios de educomunicação, comunicação popular e pedagogia crítica com práticas editoriais colaborativas e territorializadas. A editora não apenas publica produtos, mas também promove encontros, constrói redes e legitima narrativas que, muitas vezes, são silenciadas pelos meios de comunicação convencionais.

As ações desenvolvidas ao longo de 2024 demonstram a potência desse modelo ao apontar estratégias para a formação de editoras extensionistas a partir de projetos em curso. A produção de livros com relatos de pessoas encarceradas, o relançamento de obras que abordam o HIV, o desenvolvimento de ferramentas lúdicas sobre o sistema de justiça, a criação de um site como acervo vivo, e a realização de oficinas com professores da rede pública não são apenas produtos comunicacionais, mas sim processos pedagógicos e políticos. Cada uma dessas iniciativas reafirma o compromisso da editora com a escuta ativa, o protagonismo comunitário e o direito à comunicação como bem público. Nesse sentido, o Floresta Edições se torna um laboratório de cidadania, no qual a universidade abre mão de uma posição hierárquica e coloca-se como parceira na construção de sentidos e saberes.

Contudo, o projeto também enfrenta desafios estruturais. A ausência de financiamento direto para impressão e produção de materiais impõe limites à expansão das ações. Muitas atividades dependem do voluntarismo dos estudantes e da organização de eventos para arrecadação de fundos, o que revela a precarização de projetos extensionistas mesmo diante de sua relevância social comprovada. Ainda assim, a editora tem conseguido se manter ativa graças à criatividade, ao engajamento e à crença no poder transformador da comunicação. Como afirma Paulo Freire (1996), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. É exatamente isso que o Floresta faz: cria possibilidades para que sujeitos historicamente invisibilizados possam narrar suas histórias, reconhecer-se como produtores de conhecimento e intervir criticamente na realidade que os cerca.

Referências

- ALVES, Flora. **Gamification**: como criar experiências de aprendizagem engajadoras. 2. ed. São Paulo: DVS, 2015.
- APARICI, Roberto (Org.). **Educomunicação**: para além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014.
- ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**: princípios da técnica de editoração. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BRASIL. **Lei de Execução Penal**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo**: dando asas ao espírito empreendedor. São Paulo: Saraiva, 2007.
- CITELLI, Adilson (Org.). **Educomunicação**: comunicação e educação. Os desafios da aceleração social do tempo. São Paulo: Paulinas, 2017.
- DAGNINO, Renato. **Tecnologia social**: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.
- DRUCKER, Peter. **O novo papel da administração**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCIA, David; LOVINK, Geert. **The ABC of Tactical Media**. 1999. Disponível em: <https://www.nettime.org>. Acesso em: 03 jun. 2025.
- GONÇALVES, Nádia Gaiofatto; QUIMELLI, Gisele Alves e Sá. **Princípios da extensão universitária**: contribuições para uma discussão necessária. Curitiba: CRV, 2016.
- LE MOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MAXIMIANO, Antonio César Amaru. **Administração para empreendedores**: fundamentos da criação e da gestão de novos negócios. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares da educação básica**: Língua Portuguesa. Curitiba, 2008.
- PERUZZO, Cicilia M. K. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados**. Comunicação Comunitária – ECO-Pós, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 46-61, maio/ago. 2009.
- SALMÓRIA, Ana Caroline (Org.). **Vidas no positivo**: histórias de homens e mulheres que convivem com HIV. Curitiba: Floresta Edições e NCEP, 2022.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Cortez, 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

THOMPSON, John B. **Mercadores de cultura**: o mercado editorial no século XXI. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

VIANNA, Ysmar et al. **Gamification Inc.:** como reinventar empresas a partir de jogos. Rio de Janeiro: MJV Press, 2013. [e-book].